

**Teorias e Práticas
da Paixão Docente**

DOSSIER



RUMOS

José Matias Alves
(coord.)
Angelina Carvalho
Antero Afonso
Isabel Margarida Duarte

Teorias e Práticas
da Paixão Docente

6



PORTO EDITORA

Título: TEORIAS E PRÁTICAS DA PAIXÃO DOCENTE
Autores: José Matias Alves (coord.), Angelina Carvalho,
Antero Afonso, Isabel Margarida Duarte
Design gráfico: Quatro Cores Design
Editor: Porto Editora

© PORTO EDITORA, LDA — 1998
Rua da Restauração, 365
4099 PORTO CODEX — PORTUGAL

Reservados todos os direitos.

Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor.

JUN/1998

ISBN 972-0-34606-X



PORTO EDITORA, LDA. Internet (e-mail): pe@portoeditora.pt
Adm./Escrit./Arm. Rua da Restauração, 365 – 4099 PORTO CODEX – PORTUGAL ☎ (02) 6088300 Telefax (02) 6088301
Livrarias Rua da Fábrica, 90 / Pr. de D. Filipa de Lencastre, 42 – 4050 PORTO ☎ (02) 2007669 ☎ (02) 2007681

D I S T R I B U I D O R E S

ZONA CENTRO LIVRARIA ARNADO, LDA.

Escrit./Arm. Rua de Manuel Madeira, 20 (à Pedrulha) – 3020 COIMBRA ☎ (039) 827573 Telefax (039) 822598
Livrarias Rua de João Machado, 9 - 11 – COIMBRA ☎ (039) 833528

ZONA SUL EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA.

Escrit./Arm. Av. Almirante Gago Coutinho, 59 - A – 1700 LISBOA ☎ (01) 8486192/3 Telefax (01) 8406344
Livrarias Av. Almirante Gago Coutinho, 59 - D / Rua da Madalena, 145 – LISBOA ☎ (01) 8486192/3 ☎ (01) 8872166

Execução gráfica de: BLOCO GRÁFICO, LDA. – R. da Restauração, 387 – 4050 PORTO – PORTUGAL



Prefácio • <i>José Matias Alves</i>	7
I Parte – Angelina Carvalho	9
1. Angústias	11
2. Afectos	14
3. Reféns	17
4. Inovações	21
5. Olhares	25
6. Solidões	29
7. Autonomias	32
8. Prazeres	36
9. Interditos	40
10. Realidades	43
II Parte – Antero Afonso	47
11. Artigo lido até metade ou uma reprodução metodológica	49

12. Crónica de uma estranha felicidade	52
13. Para uma teoria da paixão docente	55
14. Como sinais inscritos na pele	58
15. Quando Deus andou pelas escolas	62
16. Todos iguais, todos diferentes	66
III Parte – Isabel Margarida Duarte	69
17. “Motivar” ou dar sentido ao trabalho que se faz na escola	71
18. Indisciplina, formação integral dos jovens, responsabilidade dos pais e hábitos de leitura	74
19. Exigirá a profissão de professor uma cooperação regular?	80
20. “Um pouco mais de azul”	83
21. Trabalho de grupo: vale a pena arriscar	87
22. Aprender com a imprensa?	91



A PAIXÃO DO OLHAR

JOSÉ MATIAS ALVES

1. Espera-se que um prefácio – este prefácio – explicita as razões (e os sentimentos) que levaram à decisão de reunir num *dossier Rumos* um conjunto diversificado de artigos de três colaboradores regulares que foram sendo publicados, ao longo do tempo, nas páginas do jornal.

Uma primeira razão tem a ver com a *relevância* dos temas tratados. São textos que dizem os quotidianos educativos, as ilusões e as desilusões, as paixões e compaixões, o negro e o azul das paisagens escolares.

Uma segunda razão tem a ver com a *leveza* de uma escrita que, sendo própria do género jornalístico, confere a vivacidade e a atractividade que também devem marcar um *dossier*.

Uma terceira razão prende-se com a *unidade* do referente e do sentido. Sendo uma obra plural, nos temas e nos registos discursivos, há aqui uma unidade de referente (as práticas de escolarização) e de sentido (a luta, quase sempre sofrida, por uma “pedagogia da promessa”) que justifica a reunião em livro.

O sentimento a que aludi situa-se na zona do *prazer* do texto. Um prazer gerado pela beleza de uma gramática textual que merece ser disseminada através de um suporte menos perecível do que as páginas de um jornal.

Espera-se, ainda, que este prefácio se inspire nos textos que “apresenta” e desdobre, prolongue e contextualize os fios de sentido aqui presentes. E, de algum modo, tem-se a expectativa de que este texto também seja solidário com os outros textos e apresente a sua visão sobre as mensagens “inscritas na pele”.

2. Já se disse que a escola, enquanto organização e instituição, é o pano de fundo dos textos aqui reunidos. Mas, para além disso, é o tema e o problema que inspiram o acto de enunciação e o próprio enunciado. Pelo texto e pelo intertexto poderemos surpreender diferentes visões das práticas de escolarização e entrever o palco onde diversos conflitos se encenam.

O conflito entre finalidades e funções aparece disseminado, ainda que subtilmente, por diversas situações. De um lado o ideal estimulador, personalizador e democrático; do outro as práticas de selecção e exclusão que, regra geral, superam a visão intrinsecamente educativa (isto é, libertadora e emancipadora).

O conflito entre um sentido teleológico estável e consensualizado da acção educativa e um sentido instável, tático, ambíguo e contraditório é outro tema não dito mas presente na estrutura profunda dos textos.

A pluralidade das culturas profissionais e organizacionais é outro tema que aparece nas malhas dos textos e que, por vezes, chocam entre si. Ora é a fidelidade a uma lógica burocrática e rotineira que funcionaliza a acção, mas securiza e protege; ora é a fidelidade a uma lógica de serviço que elege os ideais educativos como inspiradores da procura da liberdade, do risco e da responsabilidade.

O conflito de visões sobre a natureza do poder – o poder como finalidade, como aspiração de domínio, como jogo de soma nula em que uns tudo ganham e outros tudo perdem, e o poder como instrumento para a realização das finalidades educativas, como jogo de soma positiva de partilha e cooperação; o conflito de interesses – pessoais, profissionais, educativos; o conflito entre o discurso, a decisão (ou a não decisão) e a acção (ou a inacção); o conflito de racionalidades – económica, burocrática, pedagógica, educativa; o conflito entre a(s) imagem(ens) simbólica(s) das práticas e as imagens reais são outras focalizações que poderão ajudar a compreender as lógicas da acção nas organizações escolares. Lógicas que são eminentemente políticas, no sentido forte do termo, isto é, a acção organizada alimenta-se das ideologias, das crenças, dos valores e dos interesses plurais que coexistem e constituem a organização escolar.

3. Mas esta lente teórica permite também ver que a escola é esse lugar frágil e sedutor onde germinam muitas promessas educativas. Lugar de afectos e de angústias, lugar de solidões, convivialidades e cumplicidades. Lugar da paixão e da compaixão. Lugar paradoxal de sofrimento, de resignação e de alegria. Das pequenas alegrias que levam a acreditar que, apesar de tudo (isto é, apesar do peso das normas, da anquiloze das estruturas, das derivas políticas e económicas), há utopias que se vão podendo realizar, há o azul que se descobre (e se redescobre) por detrás de alguns horizontes sombrios.

Afinal, a escola é esta pluralidade de imagens, sentimentos e lógicas de acção; é este difícil exercício de construir consensos precários nas tensões dos conflitos; é esta respiração entrecortada.

Teorias e práticas da paixão docente é assim um discurso a várias vozes que têm em comum a ânsia profunda de participarem na construção de uma escola mais solidária e mais livre de todas as tentações. E esta promessa só é imaginável se puder reunir as mulheres e os homens de boa vontade que acreditam na possibilidade de uma acção docente libertadora e que o “melhor do mundo são as crianças”. Creio que foi para estes que foi escrito este livro. E é também a estes homens e estas mulheres que dedico estas pobres palavras. Esta sede de água. Esta aragem. Na esperança, que acredito não será vã, de, lentamente, pacientemente, iluminarmos os horizontes possíveis de uma paixão precária e sempre renovada.